

1. MITO E FILOSOFIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Mito: primeira forma de atribuir sentido ao mundo

O desejo de conhecer ou de buscar um sentido para o mundo circundante parece ser inerente aos vários agrupamentos humanos em diferentes épocas e lugares. Essa busca de sentido ocorre a partir do momento que o ancestral humano passa a enterrar seus companheiros mortos e ter idéias mágico-religiosas para explicar os fenômenos a sua volta.

Platão, no *Teeteto* (155 d), afirmou que a Filosofia começa com o *thaumátzein*, com o admirar-se com o espantar-se, tese reafirmada por Aristóteles na sua *Metafísica* (982 b13). Admiração e espanto diante de um mundo carregado de interrogações, cujas explicações por vezes não satisfazem ou que não se possui as respostas. Aí então, diante de interrogações que se configuram como problemas, inicialmente sem solução, experimenta-se um misto de espanto e admiração. Espanto diante do próprio espetáculo da natureza, da multiplicidade de coisas existentes, de fatos surpreendentes, das diferentes formas de vida, dos astros que deslizam na abobada celeste e admiração, um sentimento de estranhamento por algo que se apresenta como não obvio, não comum, que oculta alguma conexão lógica.

Pode-se ampliar e ao mesmo tempo retroceder esse espanto e admiração como impulso para filosofia, como também impulso para o mito.¹

O homem primitivo diante de um mundo desconhecido, cheio de mistérios como o nascimento, a morte, a sucessão alternada entre dias e noites, as mudanças climáticas etc, tinha necessidade de entender esse mundo. Essa necessidade é própria da condição humana já que o ser humano, diante do medo, da admiração e do desconforto produzido pelo desconhecido precisa dar-lhe sentido. O caos necessita ser ordenado pela cosmogonia mítica para o ser humano encontrar o seu lugar.

Segundo o filósofo Ernst Cassirer, em sua obra *Filosofia de las Formas Simbólicas II: el pensamiento mítico*, o mito é a forma mais primitiva de conformação espiritual do mundo. “Muito antes que o mundo se dê a consciência como um conjunto de ‘coisas’ empíricas e como um complexo de ‘propriedades’ empíricas, se lhe dá como um conjunto de potências e influxos mitológicos”.(1998, p.17). Os mitos resultam das experiências coletivas dos homens, que não se reconhecem como produtores desses mitos, já que não têm consciência da projeção do seu eu subjetivo para os elementos do mundo. Segundo Cassirer, os “mitos” construídos por indivíduos, como por exemplo, os “mitos platônicos”, não podem ser considerados mitos genuínos.² Em Platão, os “mitos” foram elaborados de forma livre, com finalidades éticas e pedagógicas definidas. Platão não estava submetido ao seu poder. Já o mito verdadeiro não se reconhece a si mesmo como uma

¹ É verdade que se trata de graus diferentes, já que a admiração e espanto da filosofia podem ser movidos por uma explicação mítica e o contrário não ocorre.

² Por isso mesmo é mais correto designá-los como alegorias.

imagem ou metáfora; a sua imagem é a própria realidade. As emoções expressas são transformadas em imagens e essas imagens são a interpretação do mundo exterior e interior. Ou seja, “... com o mito o homem começa a aprender uma nova e estranha arte: a arte de exprimir, e isso significa organizar, os seus instintos mais profundamente enraizados, as suas esperanças e temores” (CASSIRER, 1976, p.64). Por isso, o pensamento mítico não deve ser compreendido como mera ilusão ou patologia, mas sim como uma forma de objetivação da realidade mais primária e de caráter específico.

1.2. A busca de uma explicação racional para o existente

Conforme foi abordado anteriormente, o mito é a primeira forma que o ser humano utilizou para dar sentido ao mundo. Ele é um tipo de saber afetivo, coletivo e dogmático. Mas chega um momento no decorrer do processo histórico que a explicação mítica passa a ser questionada, por aqueles que seriam conhecidos como os primeiros filósofos, pelos pré-socráticos, preocupados em buscar a *arché*, o princípio fundamental das coisas. Estes, agora, buscam dar uma explicação sustentada em argumentos racionais para o existente. Mas como foi possível o surgimento dessa busca de explicação racional para o existente em oposição ao pensamento mítico?

Essa transição foi um processo lento e gradativo e não significou o desaparecimento das concepções míticas. Segundo Jean Pierre Vernant, em *As origens do pensamento grego*, esse pensamento racional denominado de Filosofia foi propiciado pelas formas de organização social, política e econômica da cidade-estado, que tiveram início com a invasão dos dórios na Grécia e a derrubada do poder centralizado na figura do rei divino.³ Assim, pode-se afirmar que a filosofia é filha da polis grega.

O aparecimento da *polis* constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. Certamente, no plano intelectual como no domínio das instituições, só no fim alcançara todas as suas conseqüências; a *polis* conhecera etapas múltiplas e formas variadas. Entretanto, desde o seu advento, que se pode situar entre os séculos VIII e VII, marca um começo, uma verdadeira invenção; por ela, a vida social e as relações entre os homens tomam uma forma nova, cuja originalidade será plenamente sentida pelos gregos. (1998, p.41)

A invasão dos dórios na Grécia levará a destruição dessa estrutura palaciana e de toda a vida social que funcionava ao seu redor; dessa forma, terá início uma nova fase da civilização grega. “A metalurgia do ferro sucede à do bronze. A incineração de cadáveres substitui numa larga escala a prática da inumação. A cerâmica transforma-se profundamente: deixa as cenas da vida animal e vegetal por uma decoração geométrica” (Vernant, 1998, p.33). Ocorrerá uma série de transformações sociais que também repercutirão nas formas de pensamento. O problema do poder será pensado numa outra perspectiva. A idéia de um rei divino, tipo micênico, ficará enterrada com as ruínas dos palácios e se buscarão outras formas de exercício do poder. Daí que a destruição dessa estrutura social, esse rompimento com o poder divino centralizado permite estabelecer um novo tipo de pensamento.

³ Vernant comprova suas afirmações através de uma análise histórica e social das transformações ocorridas na Grécia a partir do século XII com a invasão das tribos dóricas. Tal fato faz sucumbir o poder micênico instituído até então, e destrói a vida social que se organizava em torno do palácio, em volta de um poder centralizado pelo rei divino. O rei divino, que se intitulava de *anax*, encontrava-se no cume da organização social, apoiava-se numa aristocracia guerreira e era o responsável por todas as decisões: militar, econômica, administrativa e religiosa.

A vida social passa a ser marcada por duas entidades divinas opostas: *Eris* (Poder de conflito) e *Philia* (Poder de união). As idéias de concorrência e de disputa se unem a idéia de união e dependência social, assim o espírito de *agón* (combate sujeito a regras), se manifesta em várias esferas, como nas guerras, nos jogos e também na vida política. Nesta última, as armas serão os argumentos e o palco a praça pública, a *Ágora*. Ou seja, as soluções serão buscadas através do debate em praça pública, entre cidadãos concebidos como iguais. A cidade deixa de ser organizada em torno de um palácio real e se volta para *Ágora*, para o espaço público onde se debatem problemas de interesses comuns. “Esse quadro urbano define efetivamente um espaço mental; descobre um novo horizonte espiritual. Desde que se centraliza na praça pública, a cidade já é, no sentido pleno do termo, uma *polis*”. (Vernant, 1998, p.40)

O palco principal da cidade passa a ser a *Ágora*, a praça pública, o lugar em que se faz a autonomia da palavra. A palavra passa a ser tão valorizada que os gregos a transformaram numa divindade, *Pheitó*, que representa a força, a capacidade da persuasão. Não mais a palavra de ordem do rei divino, mas a palavra humana buscando através do conflito, da discussão, um sentido e o convencimento pela persuasão. A palavra não é mais uma forma justa a priori, mas está exposta a contestação. A polêmica, a discussão, a argumentação são as regras do jogo intelectual e político que é praticado a luz do sol, na *Agora*, e tem como juiz o público, os cidadãos. Os conhecimentos, os conteúdos da cultura, não ficam mais restritos ao palácio, são agora expostos em praça pública a apreciações de todos, possuem um caráter de publicidade e passam a ser objeto de análise e de interpretação. A escrita, que foi emprestada dos fenícios e modificada, permite perenizar a cultura torna-la pública e, ao mesmo tempo, possibilita uma análise mais detida dos seus conteúdos fixados pela escrita. A *dike* (Justiça) pode ser fixada em forma de leis e garantir sua permanência de forma comum a todos, não dependendo mais da arbitrariedade do monarca.

Outra característica importante é a idéia de semelhança entre os cidadãos. Essa semelhança une os gregos pela *Philia* (união, amizade) garantindo a unidade da *polis*. A idéia de semelhança se converterá em igualdade no plano político, no conceito de isonomia, de mesma participação no poder entre os cidadãos. As leis escritas são as mesmas para todos cidadãos e os mesmos deveriam participar dos tribunais e das assembléias.⁴

Dessa forma, pode-se concluir com Vernant, que as várias transformações que culminaram com a *polis* grega trouxeram em seu bojo a possibilidade de emergência do pensamento racional filosófico, ou seja, que a filosofia é filha da *polis*.

Mas o que vem a ser Filosofia? Do ponto de vista etimológico, a palavra é composta de *philia*, que significa união, amizade, amor fraterno e *Sophia*, que deriva de *sophos*, sábio e significa sabedoria. Assim a Filosofia significa busca amorosa pela sabedoria, amizade ao saber. Segundo a tradição foi Pitágoras de Samos que cunhou a palavra Filosofia. Para ele a sabedoria era atributo dos deuses e não dos seres humanos, mas estes poderiam desejá-la, poderiam buscar amorosamente a sabedoria transformando-se em filósofos. (Cf. Chauí, 1997, p. 19 e 20)

⁴ Eram considerados cidadãos os nascidos em Atenas do sexo masculino e que tivessem cumprido o serviço militar. De uma população de cerca de meio milhão de habitantes, excluía-se: 50% de escravos, 25% de estrangeiros, 15% de mulheres e crianças, restavam 10% de cidadãos atenienses, aproximadamente 50 mil homens.

1.3. A emergência do pensamento filosófico

Conforme foi exposto no item anterior o pensamento filosófico é filho da polis. O ponto de partida para a filosofia grega foi às poesias cosmogônicas. Essas poesias explicavam o surgimento do mundo através de interpretações míticas. A passagem do pensamento cosmogônico para o pensamento cosmológico não se deu através de um salto e nem substituiu por completo o anterior. Foi um processo lento e gradativo em que uma série de fatores, como o nascimento da cidade estado, a invenção da escrita, das leis escritas, a invenção da moeda, contribuíram para que, assim como o poder e a organização da vida social, os mitos também fossem questionados.

Os aedos (poetas-cantores) são cultores da memória. Eles possuem a força da palavra e revelam a vida e a origem dos seres e do mundo. As concepções míticas são mantidas vivas pela tradição oral. Com a invenção e uso da escrita essas concepções passam a ser registradas. O rigor daquele que escreve é diferente do rigor daquele que fala e, as palavras, uma vez escritas, estão fixas, permitindo maior exame e reflexão posterior. Portanto, o uso da escrita tem uma contribuição fundamental para o questionamento das interpretações míticas.

Enquanto o pensamento mítico não questiona o seu conteúdo, o pensamento filosófico caracteriza-se pelo questionamento, pela investigação e argumentação racional para explicação da realidade. Embora o conteúdo da explicação, desses primeiros filósofos, tenha muita semelhança com o mito a forma de explicar é diferente.

Esses pré-socráticos buscam uma nova *alétheia* (verdade, aquilo que é desvelado), não mais a *alétheia* mítica, mas uma *alétheia* desvelada pelo *logos* filosófico.

1.4. Os primeiros filósofos

O problema que unifica todo o período que ficou conhecido como cosmológico é a busca de explicar de onde vêm todas as coisas, ou seja, qual é a matéria primordial, a *arché*, que dá origem a todas as outras coisas existentes: pedra, flor, madeira, animal etc? De onde vem tudo isso? Os filósofos, posteriormente conhecidos como pré-socráticos, partem do pressuposto básico que todo o existente deriva de uma matéria primeira já existente e não questionam a origem dessa matéria primeira, justamente para não caírem num *circulus vitiosus* sem fim. Cada qual ao seu modo busca dar uma explicação racional para o existente. A cosmogonia mítica vai sendo aos poucos substituída por uma cosmologia racional. Serão abordados apenas alguns dos pré-socráticos.

Tales de Mileto (624-547 a.C.) é considerado o primeiro filósofo. Ele ficou muito conhecido pelo feito notável de prever um eclipse que se confirmou no dia previsto: 28 de maio de 585 a.C. Para alguns autores essa data simboliza o dia do nascimento da filosofia. Não se conhece fragmento dos escritos de Tales, mas é atribuída a ele a autoria de uma pergunta que ainda hoje produz muita controvérsia: Qual a origem de todas as coisas? Do que tudo é constituído? Para Tales: “A água é o elemento primordial de todas as coisas”. “Tudo está cheio de deuses”.

Heráclito de Éfeso (544-484 a.C.) era chamado por seus contemporâneos de “obscuro”, devido aos seus escritos serem de difícil compreensão. Conta-se que Sócrates ao ler um livro seu afirmou que para entendê-lo teria que ser um mergulhador de Delos, tal a profundidade dos seus pensamentos. Heráclito ficou conhecido como filósofo do devir. Algumas de suas principais idéias:

“A Physis [‘natureza’] ama ocultar-se”

“Todas as coisas estão em movimento”

“O movimento se processa através de contrários”

“Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos”. Ou: “Nunca entramos no mesmo rio duas vezes”, pois assim como o rio, nós também não somos mais os mesmos.

“O conhecimento sensível é enganador e deve ser superado pela razão”

Xenófanes de Colofón (580-577 a.C.) é considerado um precursor da doutrina de Parmênides e escreveu predominantemente em versos. Foi um filósofo rapsodo que declamava seus versos pelas cidades da Grécia. Defendeu que o elemento primordial de todas as coisas é a terra, mas se tornou famoso pela sua teologia e por seus ataques a “religião” popular grega e aos poetas. Criticava os deuses antropomórficos de Homero e Hesíodo dotados de vícios e imoralidade, pois só se aprendia com eles roubos, mentiras e adultérios. Para eles os poetas criavam deuses à imagem e semelhança dos próprios homens.

“Mas se os bois, os cavalos e os leões tivessem mãos ou pudessem pintar e realizar as obras que os homens realizam com as mãos, os cavalos pintariam imagens dos deuses semelhantes a cavalos, os bois semelhantes a bois, e plasmariam os corpos dos deuses semelhante ao aspecto que tem cada um deles”.

“Os etíopes dizem que os seus deuses são negros e de nariz chato, os trácios dizem que têm olhos azuis e cabelos vermelhos”.

Xenófanes defende a tese que existe um único Deus, por isso Aristóteles afirma que ele foi o primeiro partidário do uno.

“Um só deus, o maior entre os deuses e os homens, não semelhante aos homens, nem pela forma, nem pelo pensamento”.

”Vê tudo, pensa tudo, ouve tudo”.

“E sem esforço move tudo com a força do seu pensamento”.

“Permanece sempre imóvel no mesmo lugar; e não lhe convém mover-se de um lugar para o outro”.

Parmênides de Eléia (540-475 a.C.) É considerado principal destaque da escola eléatica (Outros representantes: Xenófanes, Zenão, Melisso). Critica a concepção de Heráclito que “tudo é movimento” e defende a imobilidade do ser. Há fragmentos de um poema de Parmênides conhecido com o título: Sobre a natureza. Nele Parmênides relata a revelação da verdade que lhe foi concedida por uma deusa. O filósofo-poeta Parmênides realiza uma viagem numa carruagem alada arrastado por fogosos cavalos e guiada pelas filhas do Sol. O véu que encobre a verdade é retirado da sua cabeça e ele recebe a verdade desvelada pela fala da deusa. Ela lhe diz que há dois caminhos: o da verdade (*alétheia*) e da opinião (*doxa*). Daí que para Parmênides a *doxa* se limita a impressão sensível e, por isso, comete erros. É apenas pelo pensamento (*noûs*) que se obtém a verdade, e dessa forma o ser coincide com o pensar, ou seja, o conteúdo do pensamento, pela via da razão, coincide com o conteúdo da realidade. Daí sua tese do ser como uno e imutável, já que conceber de outra forma leva a contradições. Ou seja, o ser não pode ser e não ser ao mesmo tempo, o que seria uma contradição. Dito de outra forma, o que existe fora de mim deve coincidir com meu pensamento com o logos que desvela a verdade, se não coincidir é porque se está na via da *doxa*. Passagens: “O ser é e o não ser não é”. “O ser é uno e imutável”

Apesar da oposição entre as teorias de Heráclito e Parmênides é possível estabelecer pontos comuns entre eles. Ambos entendem que a verdade (*alétheia*) está no pensamento e a opinião (*doxa*) está nos sentidos. O argumento de que “os sentidos enganam” era usado, dessa forma, para tentar

provar teses contrárias como a de Heráclito: “tudo é movimento, a imobilidade é uma ilusão dos sentidos” e a de Parmênides “não há movimento, a mobilidade é uma ilusão dos sentidos”.

Embora tenham existido variadas explicações para a matéria primordial e que cada um dos pré-socráticos argumentasse que a sua teoria era a única verdadeira, a importância desse período reside no fato de que o pensamento mítico não mais convence e que esses filósofos se lançam na busca de investigar e de elaborar outras respostas para explicação da realidade. Respostas produzidas pelo logos e, portanto, dotadas de uma certa lógica racional.

1.5. O problema do idealismo *versus* empirismo no pensamento antigo **O pensamento de Sócrates**

Sócrates, considerado o patrono da Filosofia, ficou conhecido graças às obras de dois de seus discípulos: Xenofonte e Platão. Sócrates não deixou nada escrito, ou melhor, não ditou nada para outro escrever, como era comum na época. Conhecemos Sócrates através dos diálogos de Platão, já que a obra de Xenofonte foi considerada pouco confiável. Devido a este fato é difícil separar o pensamento de Platão do pensamento de Sócrates. Por exemplo, para Aristóteles, Sócrates não era adepto da teoria platônica sobre o mundo das idéias.

Para Cortella, a principal preocupação de Sócrates é em relação ao seguinte problema: “como estabelecer verdades que sejam válidas para todas as pessoas?” (2002, p.74) Segundo Sócrates, os conhecimentos chegam até nós pela via dos sentidos e da razão. Mas eles são confiáveis? A resposta é não, já que os sentidos podem nos enganar e os discursos e debates da Ágora também.

Em um dos seus diálogos⁵, Platão relata inicialmente o encontro entre Sócrates e Fedro em uma rua de Atenas. Ao estabelecerem um diálogo, Sócrates é convidado a acompanhá-lo para fora dos muros da cidade. Após caminharem, enquanto conversavam sobre um discurso de Lisias, chegam a um aprazível lugar, as margens cristalinas do rio Ilisso. Fedro então pergunta a Sócrates se não havia sido por ali que o deus do vento Bóreas raptou Orítia. Em seguida, questiona se Sócrates realmente acredita que esse mito seja verdadeiro.

“Se eu não acreditasse, como sucede com os homens sábios (os sofistas), não ficaria embaraçado. Poderia dar facilmente uma explicação engenhosa, dizendo que um sopro de Bóreas, o vento norte, tinha lançado Orítia abaixo das rochas enquanto se divertia com as companheiras e que, morta dessa maneira, tinha sido levada por Bóreas. (...) Mas eu, Fedro, penso que tais explicações são, em geral, muito interessantes, mas que são invenções de um homem muito esperto e engenhoso, mas não inteiramente invejável, porque depois disso terá de explicar a forma dos Centauros e depois das Quimeras, e ei-lo perseguido por uma multidão de tais criaturas, Górgonas e Pégaso, e multidões de estranhas, inconcebíveis, portentosas naturezas. Se alguém não acredita nelas, e com uma espécie de sabedoria rústica pretende explicar cada uma dessas naturezas de acordo com a probabilidade, precisara de muito tempo para isso. Mas eu justamente não tenho tempo para todas elas, e a razão, meu amigo, é esta: ainda não sou capaz de me conhecer a mim próprio como recomenda a inscrição delfica; portanto, parece-me ridículo, quando ainda não atingi o conhecimento de mim mesmo, investigar coisas irrelevantes. E, por conseguinte, deixo de parte tais matérias e, aceitando a crença vulgar acerca delas, como estava dizendo agora mesmo, investigo, não essas coisas, mas a mim mesmo, para saber se sou um monstro mais complicado e furioso que Tufão ou uma criatura bondosa

⁵ Fedro

e simples a quem a natureza concedeu um destino divino e tranqüilo”. (PLATÃO, Fedro, passagem 229 e 230)

No templo de Apolo, situado em Delfos, havia várias inscrições gravadas. Sócrates elege uma delas como lema: “Conhece-te a ti mesmo!” Assim, com Sócrates, a problemática será deslocada do âmbito cosmológico para o antropológico. Sócrates coloca o ser humano no centro da problemática e preocupa-se em buscar verdades que pudessem ser válidas para todos. O “conhece-te a ti mesmo” que ele pega emprestado do oráculo de Delfos e toma como lema, é a tentativa de buscar em cada um (particular) extrair uma verdade universal. Através da maiêutica, seu método de perguntas e respostas, busca dar a luz a verdades gerais. Tarefa nem sempre fácil, já que muitos diálogos que chegaram até nós, relatados por Platão, são aporéticos.

Vamos ver um trecho da defesa de Sócrates, perante o tribunal de Atenas que o condenou por corromper a juventude e não acreditar nos deuses da cidade. Esse trecho ilustra a postura socrática que o caracteriza como o filósofo da ágora.

Apologia de Sócrates

“E sabeis também como era Xenofonte, veemente em tudo aquilo que empreendesse. Uma vez, de fato, indo a Delfos, ousou interrogar o oráculo a respeito disso e – não façais rumor, por isso que digo - perguntou-lhe, pois, se havia alguém mais sábio que eu. Ora, a pitonisa respondeu que não havia ninguém mais sábio. E a testemunha disso é seu irmão, que aqui está. Considerai bem a razão por que digo isso: estou para demonstra-vos de onde nasceu a calúnia. Em verdade, ouvindo isso, pensei: que queria dizer o deus e qual é o sentido de suas palavras obscuras? Sei bem que não sou sábio, nem muito nem pouco: o que quer dizer, pois, afirmando que sou o mais sábio? Certo não mente, não é possível. E fiquei por muito tempo em dúvida sobre o que pudesse dizer; depois de grande fadiga resolvi buscar a significação do seguinte modo: Fui a um daqueles detentores da sabedoria, com a intenção de refutar, por meio dele, sem dúvida, o oráculo, e, com tais provas, opor-lhe a minha resposta: Este é mais sábio que eu, enquanto tu dizias que eu sou o mais sábio. Examinando esse tal: - não importa o nome, mas era, cidadãos atenienses, um dos políticos, este de quem eu experimentava essa impressão. - e falando com ele, afigurou-se-me que esse homem parecia sábio a muitos outros e principalmente a si mesmo, mas não era sábio. Procurei demonstrar-lhe que ele parecia sábio sem o ser. Daí me veio o ódio dele e de muitos dos presentes. Então, pus-me a considerar, de mim para mim, que eu sou mais sábio do que esse homem, pois que, ao contrário, nenhum de nós sabe nada de belo e bom, mas aquele homem acredita saber alguma coisa, sem sabê-la, enquanto eu, como não sei nada, também estou certo de não saber. Parece, pois, que eu seja mais sábio do que ele, nisso - ainda que seja pouca coisa: não acredito saber aquilo que não sei. Depois desse, fui a outro daqueles que possuem ainda mais sabedoria que esse, e me pareceu que todos são a mesma coisa. Daí veio o ódio também deste e de muitos outros. Depois prossegui sem mais me deter. embora vendo, amargurado e temeroso, que estava incorrendo em ódio; mas também me parecia dever fazer mais caso da resposta do deus. Para procurar, pois o que queria dizer o oráculo, eu devia ir a todos aqueles que diziam saber qualquer coisa. E então, cidadãos atenienses, já que é preciso dizer a verdade, me aconteceu o seguinte: procurando segundo o dedo do deus, pareceu-me que os mais estimados eram quase privados do melhor, e que, ao contrário, os outros, reputados ineptos, eram homens mais capazes, quando à sabedoria.(...) Por isso, ainda agora procuro e investigo segundo a vontade do deus, se algum dos cidadãos e dos forasteiros me parece sábio; e quando não, indo em auxílio do deus, demonstro-lhe que não é sábio. E, ocupado em tal investigação, não tenho tido tempo de fazer nada de nada de apreciável, nem nos negócios públicos, nem nos privados, mas encontro-me em extrema pobreza, por causa do serviço do deus. Além disso, os jovens ociosos, os filhos dos ricos, seguindo-me espontaneamente, gostam de ouvir-me examinar os

homens, e muitas vezes me imitam, por sua própria conta, e empreendem examinar os outros; e então, encontram grande quantidade daqueles que acreditam saber alguma coisa, mas, pouco ou nada sabem. Daí, aqueles que são examinados por eles encolerizam-se comigo assim como com eles, e dizem que há um tal Sócrates, perfidíssimo, que corrompe os jovens.”

PLATÃO. Apologia de Sócrates. Tradução de Maria Lacerda de Souza. Extraído de: <http://www.dominiopublico.org> <http://www.consciencia.org/>

O idealismo de Platão

É Platão que “amplia” as idéias do seu mestre (até mesmo contra ele, segundo Aristóteles). Em relação ao conhecimento, ele busca fazer uma síntese dos que o precederam, tentando resolver a oposição entre Heráclito (tudo é movimento, a imobilidade é uma ilusão dos sentidos) e Parmênides (não há movimento, o movimento é uma ilusão dos sentidos). Para Platão, a definição das coisas está condicionada ao princípio de identidade e permanência. Ou seja, uma coisa é aquilo que é e não outra e deve ser sempre do mesmo modo. No mundo sensível isso não é possível, já que ele é múltiplo e em constante mutação. Na visão de Platão este é o mundo das aparências, das sombras, mera cópia do mundo das idéias, do mundo real. A verdade encontra-se no mundo das idéias, idêntico e permanente, regido pelo conhecimento. Para atingir esse mundo das idéias é necessário depurar os sentidos dos enganos e erros e através do exercício filosófico ir ascendendo até a verdade. Vamos ver agora um texto que ilustra a concepção platônica sobre o processo do conhecimento. Trata-se da *Alegoria ou mito da caverna* que se encontra no seu livro *A República*. A passagem que veremos a seguir foi recontada por Marilena Chauí.

O mito da caverna

“Imaginemos uma caverna subterrânea onde, desde a infância, geração após geração, seres humanos estão aprisionados. Suas pernas e seus pescoços estão algemados de tal modo que são forçados a permanecer sempre no mesmo lugar e a olhar apenas para frente, não podendo girar a cabeça nem para trás nem para os lados. A entrada da caverna permite que alguma luz exterior ali penetre, de modo que se possa, na semi-obscuridade, enxergar o que se passa no interior.

A luz que ali entra provém de uma imensa e alta fogueira externa. Entre ela e os prisioneiros - no exterior, portanto - há um caminho ascendente ao longo do qual foi erguida uma mureta, como se fosse a parte fronteira de um palco de marionetes. Ao longo dessa mureta-palco, homens transportam estatuetas de todo tipo, com figuras de seres humanos, animais e todas as coisas.

Por causa da luz da fogueira e da posição ocupada por ela, os prisioneiros enxergam na parede do fundo da caverna as sombras das estatuetas transportadas, mas sem poderem ver as próprias estatuetas, nem os homens que as transportam.

Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros imaginam que as sombras vistas são as próprias coisas. Ou seja, não podem saber que são sombras, nem podem saber que são imagens (estatuetas de coisas), nem que há outros seres humanos reais fora da caverna. Também não podem saber que enxergam porque há a fogueira e a luz no exterior e imaginam que toda luminosidade possível é a que reina na caverna.

Que aconteceria, indaga Platão, se alguém libertasse os prisioneiros? Que faria um prisioneiro libertado? Em primeiro lugar, olharia toda a caverna, veria os outros seres humanos, a mureta, as estatuetas e a fogueira. Embora dolorido pelos anos de imobilidade, começaria a caminhar, dirigindo-se à entrada da caverna e, deparando com o caminho ascendente, nele adentraria.

Num primeiro momento, ficaria completamente cego, pois a fogueira na verdade é a luz do sol e ele ficaria inteiramente ofuscado por ela. Depois, acostumando-se com a claridade, veria os homens que transportam as estatuetas e, prosseguindo no caminho, enxergaria as próprias coisas, descobrindo que, durante toda sua vida, não vira senão sombras de imagens (as sombras das estatuetas projetadas no fundo da caverna) e que somente agora está contemplando a própria realidade.

Libertado e conhecedor do mundo, o prisioneiro regressaria à caverna, ficaria desorientado pela escuridão, contaria aos outros o que viu e tentaria libertá-los.

Que lhe aconteceria nesse retorno? Os demais prisioneiros zombariam dele, não acreditariam em suas palavras e, se não conseguissem silenciá-lo com suas caçoadas, tentariam fazê-lo espancando-o e, se mesmo assim, ele teimasse em afirmar o que viu e os convidasse a sair da caverna, certamente acabariam por matá-lo. Mas, quem sabe, alguns poderiam ouvi-lo e, contra a vontade dos demais, também decidissem sair da caverna rumo à realidade.

O que é a caverna? O mundo em que vivemos. Que são as sombras das estatuetas? As coisas materiais e sensoriais que percebemos. Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? O filósofo. O que é a luz exterior do sol? A luz da verdade. O que é o mundo exterior? O mundo das idéias verdadeiras ou da verdadeira realidade. Qual o instrumento que liberta o filósofo e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? A dialética. O que é a visão do mundo real iluminado? A Filosofia. Por que os prisioneiros zombam, espancam e matam o filósofo (Platão está se referindo à condenação de Sócrates à morte pela assembléia ateniense)? Porque imaginam que o mundo sensível é o mundo real e o único verdadeiro”.

(CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1997, p. 40)

Na cosmogonia platônica, ele retoma mitos antigos já conhecidos e os reorganiza filosoficamente. Antes da existência do mundo havia o *caos* (abismo, confusão) formada de matéria bruta desordenada. Até que no momento destinado a ser, um deus demiurgo, eroticamente transforma o *caos* em *cosmos*, em estrutura ordenada. Esse deus demiurgo modelou a matéria bruta em várias formas criando todas as coisas existentes. Daí que se ele modelou é porque se baseou em modelos já existentes. Esses modelos originais são os *eídōs*, as idéias verdadeiras de Platão. Dessa forma, as verdades, enquanto não materiais, não estão sujeitas a ação do tempo, a transformação, e, portanto são eternas e imutáveis.

Assim, esta cosmogonia descrita dá a base para a cosmologia de Platão. Para ele, o mundo sensível, é o nosso mundo material de cópias, de aparências, um mundo imperfeito, em constante mutação. Já o mundo inteligível, é o mundo imaterial das idéias. Este é perfeito e imutável. O ser humano devido sua composição participa dos dois mundos. Vivemos no mundo das aparências, das cópias, mas nossa alma não é cópia, é um original e representa a essência de cada um, mas ela está presa ao corpo, (que é cópia da idéia de corpo). Assim se pode questionar: se a alma é um original do mundo das idéias, o que veio fazer aqui? Platão explica através de uma alegoria. A alma como uma charrete alada tendo como condutor a razão e puxada por dois cavalos: um é bom e desempenha o papel da nossa vontade, outro é mau, e desempenha o papel do nosso desejo por prazeres materiais. O condutor (razão) deve conduzir a charrete rumo à morada dos deuses, quando não consegue, fica desgovernada e cai. Assim, a alma irá encarnar até conseguir se purificar e ir morar com os deuses sem precisar voltar. De acordo com o tempo de contemplação no mundo das idéias e da prática da justiça moral, as almas terão uma hierarquia na encarnação, podendo se tornar filósofo, rei, guerreiro, político, operário etc.

Uma lei estabelece que, no primeiro nascimento, a alma não entra no corpo de um animal; aquela que mais contemplou gerará um filósofo, um esteta ou um amante favorito das Musas; a alma de segundo grau irá formar um rei legislador, guerreiro ou dominador; a do terceiro grau forma um político, um economista ou financista; a do quarto, um atleta incansável ou um médico; a do quinto seguirá a vida de um profeta ou adepto dos mistérios; a do sexto terá a existência de um poeta ou qualquer outro produtor de imitações; a do sétimo, a de um operário ou camponês; a do oitavo, a de um sofista ou demagogo; a do nono, a de um tirano. Quem em todas essas situações, praticou a justiça moral, terá melhor sorte. Quem não praticou cai em situação inferior. (Platão, Fedro, passagem 248)

Antes de encarnar as almas devem atravessar o rio Lethé (rio do esquecimento), aqueles que

bebem muita água esquecem quase todas as verdades contempladas, aquelas que bebem pouca água não esquecem quase nada das verdades contempladas. Assim, a alma já contemplou as verdades no mundo das idéias, mas esqueceu, alguns mais outros menos, ao reencarnar. Dessa forma, é necessário lembrar novamente delas, ou seja, aprender é recordar o que já se sabe, mas foi esquecido. Assim, as verdades não pertencem ao mundo sensível, mas ao mundo inteligível. Através da razão introspectiva pode-se descobri-las.

O empirismo de Aristóteles

Já Aristóteles, que foi discípulo de Platão, posteriormente irá criticar seu mestre em relação ao processo de conhecimento. Aristóteles não concorda com o dualismo platônico e reabilita a importância dos sentidos no processo de conhecimento.

Por natureza, todos os homens desejam o conhecimento. Uma indicação disso é o valor que damos aos sentidos; pois, além de sua utilidade, são valorizados por si mesmos e, acima de tudo o da visão.

É pela memória que os homens adquirem experiência, porque as inúmeras lembranças da mesma coisa produzem finalmente o efeito de uma experiência única. A experiência parece muito semelhante à ciência e à arte, mas na verdade é pela experiência que os homens adquirem ciência e arte; pois, como diz Pólo com razão, “a experiência produz arte, mas a inexperiência produz o acaso”. A arte se produz quando, a partir de muitas noções da experiência, se forma um juízo universal a respeito de objetos semelhante. (Aristóteles, *Metafísica*)

Dessa forma, Aristóteles concebe o conhecimento como um processo linear e cumulativo, que tem início com as impressões sensíveis e pode se desenvolver até o conhecimento abstrato mais geral. O conhecimento tem início com a experiência sensível e esta, unida à memória, produz um conhecimento de experiência, ou seja, um conhecimento do tipo “saber fazer”. Acima deste, esta a arte (técnica), um conhecimento das regras, ou seja, sabe-se o “porque das coisas”. Depois deste, temos o conhecimento da teoria (ciência), é um conhecimento mais abstrato e genérico, desvinculado da prática, conhece as leis da natureza e os princípios gerais. E acima deste ainda temos a sabedoria (filosofia), é o conhecimento mais abrangente e global, é o conhecimento das causas primeiras e universais.

Para Aristóteles, não é necessário buscar a verdade no mundo das idéias, mas sim aqui mesmo, onde as coisas existentes são compostas de matéria e forma. Segundo Cortella,

Ambos os filósofos são metafísicos quanto à gênese divina do Conhecimento e da Verdade; o que vai diferenciá-los fundamentalmente é o método de descobri-la. Platão é um **racionalista**; a Razão independente da experiência deste mundo e o conhecimento verdadeiro devem ser buscados dentro de cada um de nós por intermédio de abstrações que partam de verdades gerais inatas, para depois serem deduzidos os conhecimentos mais específicos sobre a realidade. Aristóteles é um **empirista**; o conhecimento verdadeiro procede da experimentação e observação do mundo em suas particularidades e dessas (usando a Razão como ferramenta afiada pela Lógica) posso indutivamente chegar a verdades gerais. (2002, p. 92, 93)

Essas duas concepções sobre a forma de desvelamento da verdade (alétheia) vão ter grandes influências no pensamento ocidental.

Durante a Idade Média, como o fortalecimento da igreja, esta passa a ser detentora da

Filosofia e da Teologia. Entre o séc. V e IX, temos o período conhecido como Patrística (a Filosofia e Teologia dos padres). Seu principal representante é Agostinho e este irá utilizar parte do pensamento de Platão de forma “cristianizada”. Do séc. X a XV, com a fundação de escolas dentro dos mosteiros, com acesso a leigos convidados, temos o período conhecido como Escolástica. Tomás de Aquino é seu principal representante e tomando como base as idéias de Aristóteles, busca conciliar as verdades da razão com as verdades da fé.

Durante a Idade Moderna a polemica em torno da origem do conhecimento permanece na oposição racionalismo empirismo.

BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena P. Martins. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 3^a ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- BORNHEIM, Gerd A. (Org.) **Os filósofos pré-socráticos**. 13^a ed. São Paulo: Editopra Cultrix, 2005.
- CASSIRER, Ernst. **Filosofia de las Formas Simbólicas II: el pensamiento mítico**. Trad. Armando Morones. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- _____. **O Mito do Estado**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.
- CORTELLA, M. Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 6^a ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002. (Coleção prospectiva; 5)
- FERNANDES, Vladimir. **Filosofia, ética e educação na perspectiva de Ernst Cassirer**, 2006. 173 p. (Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo).
- _____. Ensaio. Primeiro ensaio: reflexões sobre o conhecimento.
www.poetizando.v10.com.br
- MACIEL JÚNIOR, Auterives. **Pré-socráticos – a invenção da razão**. São Paulo: Odysseus Editora, 2003.
- MARÍAS, Julián, **História da Filosofia**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PLATÃO. **Diálogos: Mênon, Banquete, Fedro**. Trad. Jorge Paleikat. 5^a ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.
- VERNANT, Jean Pierre. **As origens do pensamento grego**. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. 10^o ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.